

Orquestra Gulbenkian

**Jaime Martín
Sergej Krylov**



**GULBENKIAN
MÚSICA**



26 + 27 out 2018

Orquestra Gulbenkian

26 OUTUBRO
SEXTA

21:00 — Grande Auditório

27 OUTUBRO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Jaime Martín Maestro

Sergej Krylov Violino

Gioachino Rossini

Abertura da ópera *Guillaume Tell*

Niccolò Paganini

Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, em Ré maior, op. 6

Allegro maestoso

Adagio espressivo

Rondo: Allegro spiritoso

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 5, em Dó menor, op. 67

Allegro con brio

Andante con moto

Scherzo: Allegro

Finale: Allegro

Estes concertos são gravados pela RTP - Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 50 min.
Intervalo de 20 min.

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Gioachino Rossini

Pesaro, 29 de fevereiro de 1792
Passy, 13 novembro de 1868

Abertura da ópera *Guillaume Tell*

COMPOSIÇÃO: 1829

ESTREIA: Paris, 3 de agosto de 1829

DURAÇÃO: c. 12 min.

Última ópera de Gioachino Rossini, *Guillaume Tell* encerra a profícua carreira dramática do compositor, representando também o seu mais ambicioso projeto e possivelmente um dos mais bem-sucedidos. A 10 de fevereiro de 1868, a administração da Ópera de Paris publicamente congratulou Rossini pelas 500 récitas de *Guillaume Tell*, só naquela instituição. A ópera é baseada na lenda quinhentista de Guilherme Tell, primeiramente referida na *Crónica Helvética* do historiador Agidius Tschudi (1505-1572), adaptada pelo libretista Victor-Joseph Étienne de Jouy, maioritariamente a partir da versão dramática de Friedrich Schiller (1804). A história deste herói suíço, que desafia a prepotência do invasor austríaco, saindo em defesa do seu povo, é magistralmente contada por Rossini nesta ópera, a qual, graças à riqueza do vocabulário harmónico e à opulência da orquestração, é emblemática do sublimado estilo tardio de Rossini.

Seguindo o seu normal *modus operandi*, Rossini escreveu a famosa Abertura de *Guillaume Tell* só após a conclusão da composição dos quatro atos da ópera. Esta Abertura, que pelas suas dimensões e índole programática, assume os contornos de um poema sinfónico estruturado em quatro andamentos – marcando uma clara rutura com o tradicional modelo de abertura operática – que introduz o ambiente geral da obra. O primeiro andamento (*De madrugada*) é invulgarmente protagonizado por um quinteto

de violoncelos, que Berlioz, na sua excecional apreciação crítica a esta ópera, denomina como “a calma da profunda solidão, o solene silêncio que reina enquanto os elementos da natureza e as paixões humanas estão ainda em repouso”. O andamento seguinte, *Tempestade*, evoca a fúria dos elementos, trazendo à memória o penúltimo andamento da *Sinfonia Pastoral* de Beethoven. *A Calma* (penúltimo andamento) transporta-nos aos verdejantes planaltos suíços, especialmente através da evocação do *Ranz des Vaches*, nostálgica melodia pastoril daquele país, representada pelo corne inglês e acompanhada pelos trilos da flauta, transmitindo ao ouvinte uma serena atmosfera bucólica. A Abertura conclui com uma das mais célebres passagens de Rossini, que simboliza a impetuosa cavalgada de Tell, sob o pano de fundo das trompas de caça.



LITOGRAFIA DA LENDA DE GUILHERME TELL. AUTOR DESCONHECIDO, SÉC. XIX © DR

Niccolò Paganini

Génova, 27 de outubro de 1782
Nice, 27 de maio de 1840

Concerto para Violino e Orquestra, n.º 1, em Ré maior, op. 6

COMPOSIÇÃO: 1816

DURAÇÃO: c. 35 min.

O nome de Niccolò Paganini será para sempre indissociável do violino, instrumento do qual foi um dos mais exímios executantes de que há registo. À semelhança de outros intérpretes-compositores como os seus contemporâneos Liszt e, sobretudo, Chopin – estes no domínio do piano – a produção musical de Paganini foi quase exclusivamente dedicada ao seu instrumento de eleição, neste caso o violino. O Concerto para Violino e Orquestra n.º 1 data de um período em que Paganini era já considerado um talento a nível regional, não tendo, contudo, atingido ainda a notoriedade internacional que mais tarde lhe estaria reservada. Apesar de uma preenchida agenda de concertos e recitais em Milão, Veneza e Trieste – integrados na sua primeira digressão pela península itálica – Paganini ainda conseguiu reservar tempo para criar a referida obra. O Concerto op. 6 é uma obra na tradição romântica do grande concerto solista e o primeiro ensaio de Paganini no tratamento das tradicionais formas sonata e rondó. Esta obra foi originalmente escrita em Mi bemol maior e só mais tarde transcrita para Ré maior por um músico anónimo. Na verdade, Paganini utilizou um artifício denominado como *scordatura* – que consiste na afinação de um instrumento de cordas numa outra tonalidade – neste caso na tonalidade mais brilhante de Mi bemol maior (tecnicamente incómoda para o violino) usufruindo, no entanto, da natural fluência da tonalidade de Ré maior, o que lhe permitia as



NICCOLÒ PAGANINI. PINTURA DE GEORG FRIEDRICH KERSTING, C. 1830 © DR

exuberantes acrobacias técnicas que sobressaem nesta obra. Por outras palavras, a orquestra encontrava-se escrita em Mi bemol maior, mas o violino em Ré maior, contudo com a instrução para ser afinado meio-tom acima, de forma a estar em consonância com a orquestra. Atualmente, este concerto interpreta-se usualmente em Ré maior. Mas não são apenas os aspetos virtuosistas que se destacam nesta composição. Em diversos momentos no decurso da obra, em especial no *Adagio espressivo* central, Paganini dá-nos conta da sua notável veia melódica, vincadamente italiana, de um proeminente lirismo. Foi provavelmente graças a esta faceta de Paganini que Rossini referiu: “Se Paganini se tivesse tornado um compositor de ópera, possivelmente ter-nos-ia ultrapassado a todos”.



LUDWIG VAN BEETHOVEN, POR W. J. MAHLER, 1804 © DR

Ludwig van Beethoven

Bona, 17 de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 5, em Dó menor, op. 67

COMPOSIÇÃO: 1804-1808

ESTREIA: Viena, 22 de dezembro de 1808

DURAÇÃO: c. 36 min.

Uma das maiores dificuldades em comentar uma sinfonia que se constitui como um dos maiores monumentos artísticos da História da Música, evitando, naturalmente, uma análise mais trivial, prende-se com o facto de tanto ter já sido escrito sobre a 5.^a Sinfonia de Beethoven. Pesa igualmente o facto de ser uma das obras musicais mais frequentemente interpretadas e conhecidas do grande público. Se mais provas fossem necessárias para afirmação do elevado valor intrínseco da obra em questão, além das extraordinárias qualidades artísticas que dela emanam, e que lhe garantem uma posição cimeira no património cultural da humanidade, a profusa literatura acerca da mesma é por si só testemunho da sua importância histórica e estética.

Excluindo as várias dissecções da obra produzidas pelo pensamento musicológico pós-moderno, uma das mais fascinantes recensões à *Quinta Sinfonia* surgiu pela mão do crítico, compositor e novelista E.T.A. Hoffmann (1776-1822) num artigo intitulado “A Música instrumental de Beethoven” (1813) publicado no *Allgemeine musikalische Zeitung*, no qual o autor realça os mais significativos aspetos de uma obra, à época, tão profundamente inovadora e,

ao mesmo tempo, de significado hermético para a esmagadora maioria do público oitocentista. Ainda que as estruturas formais que Beethoven utiliza nesta sinfonia – forma sonata no primeiro e último andamentos, tema com variações no segundo e um *scherzo* com trio no terceiro – sejam ainda herdeiras do período tardo-setecentista, muitos outros aspetos desta sinfonia marcaram a rutura com o cânone clássico. Não é somente a vultosa dimensão da sinfonia ou a extraordinária coesão temática e motívica, mas sobretudo a avassaladora carga anímica que irradia que a demarcam das composições homónimas dos seus antecessores. Ao despedir-se do seu amigo Beethoven quando este partiu para Viena, em 1792, o conde Waldstein augurou-lhe que “recebesse o espírito de Haydn pelas mãos de Mozart”. Pode afirmar-se, sem constrangimento, que estas influências permaneceram em Beethoven, todavia transmutadas pela sua fértil retórica interior e personalidade marcante. Este facto adquire força de evidência de forma muito especial na 5.^a Sinfonia, onde Beethoven genialmente expressa a sua ambivalente personalidade intempestiva e afetuosa, integridade ética e inquietude existencial.



JAIME MARTÍN © ALEXANDER LINDSTRÖM

Jaime Martín

Maestro

Jaime Martín nasceu em Santander, Espanha. Estudou flauta com Antonio Arias, em Madrid, e com Paul Verhey, em Haia. Depois de uma importante carreira como flautista, afirmou-se rapidamente como maestro. Foi recentemente indigitado Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Los Angeles, iniciando estas novas funções em setembro de 2019. Em 2013 tornou-se Diretor Artístico e Maestro Principal da Sinfónica de Gävle, na Suécia. É também Maestro Titular da Orquestra de Cadaqués e Diretor Artístico do Festival Internacional de Santander. Na temporada 17/18 destaca-se o concerto inaugural da Orquestra de Câmara de Los Angeles, com Joshua Bell como solista, estreias à frente da Sinfónica da Rádio de Frankfurt, da Sinfónica de Bilbao, da Filarmónica de Essen e da Orquestra de Bordéus, bem com novas colaborações com a Sinfónica da Nova-Zelândia, a Sinfónica Nacional da RTÉ e a Sinfónica da Rádio Sueca. Para além da Orquestra Gulbenkian, a presente temporada

inclui estreias à frente da Sinfónica de Londres, da Filarmónica Real de Estocolmo, da Sinfónica do Colorado, da Sinfónica de Sydney e da Sinfónica de Melbourne. Também dirigirá a Sinfónica de Gävle no Concertgebouw de Amsterdão e realizará uma digressão à Suíça com a Orquestra de Cadaqués.

Jaime Martín estreou-se no domínio da ópera com a direção de *A flauta mágica* no El Escorial de Madrid e no Festival de San Sebastián, em 2012. Na sua estreia com a English National Opera, em 2013, dirigiu *O barbeiro de Sevilha*, tendo regressado em 2014 para dirigir *As bodas de Figaro*. Para além dos seus registos como flautista, Jaime Martín dirige a Sinfónica de Gävle e o Eric Ericson Chamber Choir no CD "Songs of Destiny", dedicado a obras corais de Brahms. Outras gravações como maestro incluem a 9.ª Sinfonia de Schubert, a *Pequena Suíte Burlesca* de Montsalvatge, a *Sinfonietta* de Halffter e a Sinfonia n.º 3 de Beethoven, com a Orquestra de Cadaqués. Em 2015 gravou a última obra orquestral de James Horner, *Collage*, um concerto para quatro trompas e orquestra, cuja estreia mundial Martín dirigiu também no Royal Festival Hall, em Londres.

Sergej Krylov

Violino

Sergej Krylov nasceu em Moscovo no seio de uma família de músicos. Estudou com Sergej Kravchenko e Abram Shtern no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. O virtuosismo, a efervescente musicalidade e o intenso lirismo estão entre as qualidades que lhe asseguraram um lugar entre os grandes músicos da atualidade. Aborda um extenso repertório, tendo os críticos elogiado a inteligência, a imaginação e o poder intuitivo das suas atuações. Nos últimos anos, Sergej Krylov tem sido um convidado regular de importantes instituições, tendo também colaborado com muitas orquestras de renome internacional, incluindo a Dresden Staatskapelle, a Filarmónica de São Petersburgo, a Filarmónica de Londres, a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Nacional Russa, a Orquestra do Teatro Mariinsky, a Filarmonica della Scala a Filarmónica da Radio France, a Orquestra do Festival de Budapeste, a Sinfónica NHK de Tóquio ou a Sinfónica de Atlanta. Entre

as proeminentes personalidades artísticas com quem trabalhou, destaca-se a sua amizade com o violoncelista Mstislav Rostropovich, uma das grandes influências musicais que recebeu. Na temporada 17/18, Sergej Krylov tocou o Concerto para Violino de Tchaikovsky, com a Filarmónica de Londres e o maestro Vasily Petrenko, o Concerto para Violino n.º 2 de Prokofiev, com a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e Dmitri Kitayenko, para além de apresentações com a Orquestra Nacional Russa, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Filarmónica de Copenhaga, a Orquestra da RAI de Turim e a Orquestra do Teatro San Carlo de Nápoles. Como Diretor Musical da Orquestra de Câmara Lituana desde 2008, Sergej Krylov assume a dupla função de solista e maestro, interpretando um diversificado repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Dedicou também parte do seu tempo a projetos de música de câmara, tocando em parceria com os pianistas Denis Matsuev, Nikolai Lugansky, Itamar Golan, Michail Lifits, Bruno Canino e Boris Berezovsky, e com outros prestigiados músicos como Elena Bashkirova, Yuri Bashmet, Maxim Rysanov ou Alexander Kniazev.



SERGEJ KRYLOV © EVGENY EVTUKHOV

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

ORQUESTRA GULBENKIAN © GM-MÁRGIA LESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
 Birgit Kolar *Concertino Principal**
 Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
 Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
 António José Miranda
 Pedro Pacheco
 Alla Javoronkova
 David Wahnnon
 Ana Beatriz Manzanilla
 Elena Ryabova
 Maria Balbi
 Otto Pereira
 Tamila Kharambura *
 Tomás Costa *
 Anna Paliwoda *
 David Ascensão *

SEGUNDOS VIOLINOS
 Alexandra Mendes *1º Solista*
 Jordi Rodriguez *1º Solista*
 Cecília Branco *2º Solista*
 Stephanie Abson
 Jorge Teixeira
 Tera Shimizu
 Stefan Schreiber
 Maria José Laginha
 Miguel Simões *
 Félix Duarte *

VIOLAS
 Samuel Barsegian *1º Solista*
 Lu Zheng *1º Solista*
 Isabel Pimentel *2º Solista*
 Patrick Eisinger
 Leonor Braga Santos
 Christopher Hooley
 Maia Kouznetsova
 Nuno Soares *
 Chiara Antico *

VIOLONCELOS
 Varoujan Bartikian *1º Solista*
 Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*
 Levon Mouradian
 Jeremy Lake
 Raquel Reis

CONTRABAIXOS
 Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
 Domingos Ribeiro *1º Solista*
 Manuel Rego *2º Solista*
 Marine Triolet
 Maja Plüddemann

FLAUTAS
 Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
 Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
 Ana Filipa Lima *2º Solista **

OBOÉS
 Pedro Ribeiro *1º Solista*
 Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
 Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
 Corne inglês

CLARINETES
 Esther Georgie *1º Solista*
 Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
 José María Mosqueda *2º Solista*
 Clarinete baixo

FAGOTES
 Ricardo Ramos *1º Solista*
 Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
 Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
 Gabriele Amarù *1º Solista*
 Kenneth Best *1º Solista*
 Eric Murphy *2º Solista*
 Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista
 Pedro Fernandes *2º Solista **

TROMPETES
 Adrian Martinez *1º Solista*

Jorge Pereira *1º Solista Auxiliar **
 David Burt *2º Solista*

TROMBONES
 Sérgio Miñana *1º Solista*
 Rui Fernandes *2º Solista*
 Pedro Canhoto *2º Solista*
 Tiago Noites *2º Solista **

TUBA
 Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
 Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
 Abel Cardoso *2º Solista*
 Rodrigo Azevedo *2º Solista **
 João Duarte *2º Solista **

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
 António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
 Américo Martins
 Marta Andrade
 Inês Rosário
 Leonor Azedo
 Raquel Serra
 Guilherme Baptista

22 + 23 novembro

Ode Marítima



**Coro e Orquestra
Gulbenkian**

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS
VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA
CASA

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORDO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
600 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Outubro 2018

